

A COVID-19 E O SUS

Em 30 de janeiro de presente ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) como uma emergência de saúde pública de relevância internacional. Menos de dois meses após esta data, em razão da ampla disseminação do vírus, a OMS declarou a existência de uma *pandemia do COVID-19*. Desde então, passamos a conviver com notícias diárias que contabilizam os números de infectados e de mortos e o papel do estado na governança da saúde. Nesse contexto, uma discussão encontra-se na base da progressão do número de infectados: o papel do Sistema Único de Saúde e o futuro da saúde pública no Brasil.

O Sistema Único de Saúde é resultado de um processo de amadurecimento da sociedade brasileira, que assume ser papel do estado garantir a todos, sem discriminação, de modo universal e integral, o direito fundamental e humano à saúde física e mental. Em um contexto de pandemia, o pacto social pela saúde precisa ser renovado com o reconhecimento da imprescindibilidade do SUS. Para ajudar-nos a lembrar a importância do compromisso com a saúde pública assumido no processo constituinte de 87/88, *entrevistamos o Professor Gilberto Reis*, médico e doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, analista da Informação em Saúde na Assessoria de Tecnologia da Informação na Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte e professor do Departamento de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. A entrevista foi realizada pelas monitoras Fernanda Rúbia Batista e Nathália Melgaço, alunas do Curso de Medicina da PUC Minas Betim, por e-mail, respeitando a política de isolamento social.

Sinapse Múltipla - Criado pela Constituição Federal de 1988, o Sistema Único de Saúde é o esteio da política de saúde pública nacional. Qual o cenário do Sistema Único de Saúde com o surgimento do Covid-19?

Professor Gilberto - Podemos identificar dois aspectos relacionados à emergência da COVID-19 no cenário atual do SUS. Primeiro, o aspecto positivo que é a própria existência do SUS como estrutura do Estado brasileiro criada para realizar o direito universal e igualitário à atenção à saúde, conforme determina nossa Constituição. Esta é uma conquista civilizatória da sociedade brasileira. O segundo aspecto, negativo, é que a COVID-19 surge no momento em que *o SUS está mais uma vez sendo ameaçado por interesses privatizantes e está submetido a grande restrição no seu financiamento pelo governo federal*. Uma das consequências da falta de recursos financeiros é, por exemplo, a falta de testes laboratoriais para melhor monitoramento e controle da epidemia.

Sinapse Múltipla - Qual a importância do Sistema Único de Saúde em um contexto de pandemia?

Professor Gilberto - Considerando a assistência à saúde, o SUS representa a única possibilidade de acesso da maioria da população brasileira a consultas, exames complementares e internações hospitalares. Muitas vidas estão sendo salvas por termos este direito no Brasil. Ao mesmo tempo, o *SUS coordena e executa as atividades do Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica*, responsável por monitorar e definir estratégias de enfrentamento da pandemia, em benefício de toda a população brasileira. Este Sistema opera com grande competência e é referência para a Organização Mundial de Saúde.

Sinapse Múltipla - O aumento de gastos públicos para o combate ao Covid-19 vai impactar negativamente na qualidade da saúde da população?

Professor Gilberto - O financiamento do SUS é de responsabilidade das três esferas de governo – municipal, estadual e federal. Há governos comprometidos com o enfrentamento da pandemia e outros que são negligentes e irresponsáveis. O aporte de recursos extras é uma necessidade pois, quando foram elaborados os orçamentos públicos em 2019, a pandemia não existia. Portanto, sendo recursos extras, *não deve haver impacto negativo* no sentido de que não estão sendo retirados recursos de outras ações de saúde para atendimento à demanda produzida pela COVID-19.

Sinapse Múltipla - O SUS possui uma gestão descentralizada, tendo a Constituição Federal estabelecido um verdadeiro federalismo sanitário. Como as ações do Ministério de Saúde impactam o atendimento do SUS no controle do Covid-19 no âmbito local?

Professor Gilberto - No arranjo federativo do SUS as principais atribuições do Ministério da Saúde são o financiamento, a articulação interfederativa das redes de atenção à saúde, a criação de normas técnicas de abrangência nacional e o apoio técnico aos municípios. Os municípios e, em alguns casos como Minas Gerais na área da assistência de urgência/emergência e da assistência hospitalar, são responsáveis por gerenciar e executar as atividades da atenção à saúde. *A negligência do Ministério da Saúde produz uma dificuldade imensa de coordenação em escala nacional* das medidas necessárias para o controle da pandemia e para o atendimento aos doentes de COVID-19. Além disso, ao minimizar os riscos e os efeitos da COVID-19, o governo federal semeia dúvidas e insegurança junto à população sobre como cada cidadão e cada organização da nossa sociedade deve agir para evitar mortes e crise econômica.

Sinapse Múltipla - Muitos dos gestores do Sistema Único de Saúde são profissionais da área da saúde e a qualidade do seu desempenho impacta diretamente na qualidade do serviço de saúde prestado. O que um profissional da saúde precisa para ser um bom gestor, sobretudo no contexto de pandemia?

Professor Gilberto - A gestão de sistemas e de estabelecimentos de saúde é uma atividade profissional especializada e não deve ser realizada apenas intuitivamente. Há em diversos entes federados carreiras específicas de Gestor de Saúde. *Para ser um bom gestor, com ou sem pandemia, deve haver esta formação.* Ela é oferecida predominantemente em pós-graduação. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) insere os cursos da gestão em saúde na Área das Ciências da Saúde e área de Avaliação da Saúde Coletiva. Há também alguns cursos de graduação no Brasil. No Curso de Medicina da PUC Minas há disciplinas obrigatórias que introduzem nossos alunos aos temas da gestão.

Sinapse Múltipla - Como a telemedicina, telessaúde e Tele-UTI podem impactar na qualidade dos níveis de Atenções à saúde? De que forma esse impacto pode permanecer positivamente após a pandemia?

Professor Gilberto - Para uma possível taxonomia relacionada aos usos das tecnologias de informação na atenção à saúde, o termo mais abrangente é *Telessaúde*. Sob este termo a cada dia estão surgindo novos termos específicos para nomear as diversas possibilidades de usos dessas tecnologias. Contudo, *há um vazio normativo no Brasil* e muitos desses usos começaram a ser intensificados em função da súbita demanda de atendimentos colocada pela pandemia. Neste sentido, *a pandemia deve contribuir para acelerar a incorporação dessas tecnologias pelos sistemas de saúde, inclusive pelo SUS.* Haverá com certeza benefícios para os sistemas e profissionais de saúde e também para a população usuária dos serviços. Mas devemos discutir e definir melhor as regras desta incorporação tecnológica pois há questões preocupantes relacionadas à segurança dos atendimentos à distância, aos aspectos éticos da relação entre o profissional de saúde e o usuário do serviço de saúde e ao risco de prevalência dos interesses do capital em detrimento da qualidade da atenção à saúde.

Sinapse Múltipla - Pensando em um cenário de fim da atual pandemia, mas com previsões de que novas pandemias possam vir a ocorrer em alguns anos, quais lições podemos tirar da situação atual e como nos preparar para um próximo quadro pandêmico?

Professor Gilberto - A mais importante lição é que vivemos imersos em relações sociais das quais dependemos para nossa existência. Precisamos assim *rever a concepção individualista que tem prevalecido na nossa sociedade*. Precisamos incluir nosso “eu” no “nós”. Esta e as próximas pandemias exigirão isso: ao me proteger do contágio, estou protegendo minha família, meus colegas de trabalho, minha cidade. Como consequência desta nova concepção, *devemos consolidar o SUS como componente de uma sociedade solidária e como forma de organização mais eficaz para enfrentamento dos problemas de saúde individuais e coletivos*. Se avançarmos neste sentido, enfrentaremos as próximas pandemias com maior eficácia, em benefício de toda a sociedade.

Sinapse Múltipla - O Brasil convive com outras doenças virais endêmicas há muitos anos sem conseguir um controle eficaz, como a dengue, por exemplo. Por outro lado, outras doenças que no passado foram eficazmente controladas e hoje correm o risco de figurarem novamente no cenário sanitário brasileiro, como o sarampo e a poliomielite. De que modo esse quadro agrava as condições de atendimento no contexto da pandemia? Faz sentido comparar os números dessas doenças endêmicas com os números da pandemia?

Professor Gilberto - A ocorrência de doenças transmissíveis, enquanto não houver a eliminação do agente infeccioso no ambiente, como fizemos com o vírus da varíola, *exige vigilância epidemiológica permanente e educação da população para a saúde*. Os desafios para o SUS são diferentes para cada doença, dependendo de como nosso organismo é infectado e das tecnologias disponíveis para prevenção e tratamento. A situação que estamos vivendo com o surgimento do SARS-CoV 2 traz novos desafios por ser um vírus novo, desconhecido da ciência. A ocorrência concomitante de surtos ou de epidemias evidentemente cria mais dificuldades para todos nós. Porém, comparar apenas números sobre a ocorrência de doenças diferentes, tais como suas incidências e prevalências, não me parece acrescentar informação relevante para quem está comprometido com a superação desta situação.

Sinapse Múltipla - O que os estudantes da área de saúde podem tirar como aprendizado para uma atuação profissional futura?

Professor Gilberto - Tenho dito aos meus alunos do Curso de Medicina que eles estão tendo o privilégio de vivenciar uma situação que não ocorria há 100 anos, desde a pandemia da Gripe Espanhola. Tenho procurado estimulá-los a *significarem esta situação não apenas como restrições de diversas naturezas ou risco de atraso no processo formativo, mas também como oportunidade*

de conhecer em profundidade diversos aspectos do processo saúde-doença-cuidado, não apenas por lerem nos livros e artigos científicos ou praticarem em laboratórios, mas sobretudo por estarem inseridos na situação. Neste sentido, eu também estou aprendendo. Outra questão que tenho discutido com eles é o *reconhecimento da necessidade de consolidação do SUS*, conforme disse acima. Há grande probabilidade de que eles enfrentarão no futuro, já como médicas e médicos, novas pandemias. Com certeza, estarão mais preparados que nós para atuarem profissionalmente neste cenário.